



MONACITA PINTO REIS
GENILSON FERREIRA DA SILVA

Do QUILOMBO à escola:

Diálogos Possíveis



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS

Do QUILOMBO à escola: Diálogos Possíveis

Produto Educacional: Caderno Pedagógico, resultante da dissertação de mestrado intitulada "A construção da identidade étnico-racial dos estudantes quilombolas na Escola Municipal Lino Soares - Comunidade de Curral das Várzeas, Bom Jesus da Lapa - BA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino.

Orientador: Professor Dr. Genilson Ferreira da Silva
Linha de Pesquisa: Ensino, Linguagens e Identidade.

MONACITA PINTO REIS
GENILSON FERREIRA DA SILVA

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Reis, Monacita Pinto, 1975-
R375d Do quilombo à escola [livro eletrônico] : diálogos possíveis /
Monacita Pinto Reis. - Caeté: Ed. do Autor, 2022.

Formato: HTML
Requisitos de sistema: Web Browser
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-XXXXX-XX-X

1. Educação. 2. Educação - Currículos. 3. Professores - Formação.
I. Título.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

FIKHA TÉCNICA

The background image shows two men in white capoeira uniforms (abada) performing a handstand. They are in a traditional setting with a wooden roof and a stone wall. One man is on the left, and the other is on the right, both with their bodies inverted and supported by their hands. The lighting is dramatic, highlighting their muscles and the texture of the uniforms.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.

Organização do Produto: Monacita Pinto Reis e Genilson Ferreira da Silva.

Divulgação: Meio digital e impresso.

Apoio Financeiro: Custeada pela autora

Designer Gráfico e diagramação: Maximus Designer

Ilustrações: Verônica Elise Ruth Militzer

Popov Cardoso

Título: Caderno Pedagógico - Do quilombo à escola: diálogos possíveis

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado A construção da identidade étnico-racial dos estudantes quilombolas na Escola Municipal Lino Soares - Comunidade de Curral das Várzeas, Bom Jesus da Lapa - BA. desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia. (UNEB).

Área do Conhecimento: Educação.

Público Alvo: Professores da Educação Básica

Categoria deste Produto: Orientações de ensino.

Finalidade: Colaborar com as práticas de ensino dos professores que trabalham com estudantes de comunidades quilombolas, propondo sugestões de atividades que possibilite trazer para a sala de aula conteúdos que valorizem e respeitem a história, a cultura e os fazeres das comunidades quilombolas.

Registro do Produto: Biblioteca da UNEB – Campus VI

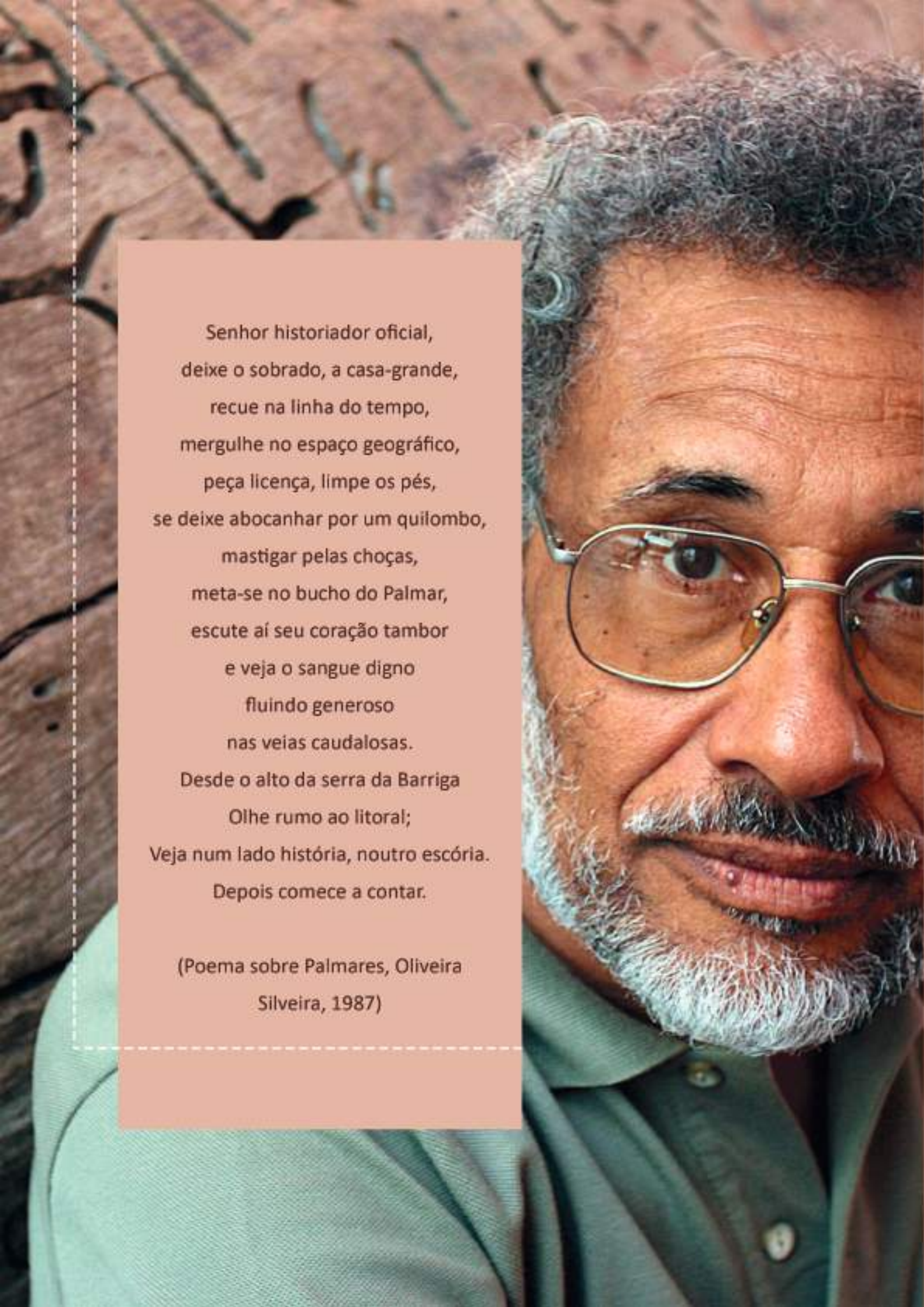
URL: Produto acessível no site do PPGEL

Idioma: Português

Cidade/Estado: Caetité/ Bahia

País: Brasil

Ano: 2022



Senhor historiador oficial,
deixe o sobrado, a casa-grande,
recue na linha do tempo,
mergulhe no espaço geográfico,
peça licença, limpe os pés,
se deixe abocanhar por um quilombo,
mastigar pelas choças,
meta-se no bucho do Palmar,
escute aí seu coração tambor
e veja o sangue digno
fluindo generoso
nas veias caudalosas.
Desde o alto da serra da Barriga
Olhe rumo ao litoral;
Veja num lado história, noutra escória.
Depois comece a contar.

(Poema sobre Palmares, Oliveira
Silveira, 1987)

Olá, educadoras e educadores!

É com muita satisfação que apresentamos o Caderno Pedagógico – Do quilombo à escola: diálogos possíveis desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). As propostas presentes neste caderno têm como objetivo ressignificar os conteúdos curriculares abordados em sala de aula, de modo a respeitar as diferenças sociais e culturais dos (as) estudantes, bem como contemplar os diferentes saberes no espaço escolar.

Sabemos o quanto ser professor é uma tarefa desafiadora. Implica se reinventar a todo instante e recriar práticas pedagógicas que valorize a diversidade humana e promova a equidade étnico-racial. São muitos desafios, responsabilidades e deveres que acarretam sobre vocês, educadoras e educadores, que estão sempre empenhados em promover uma educação pautada no respeito às diferenças e na formação cidadã de todos os educandos.

Deste modo, este caderno pedagógico foi elaborado para orientá-los a adotar práticas pedagógicas voltadas para o respeito e valorização da

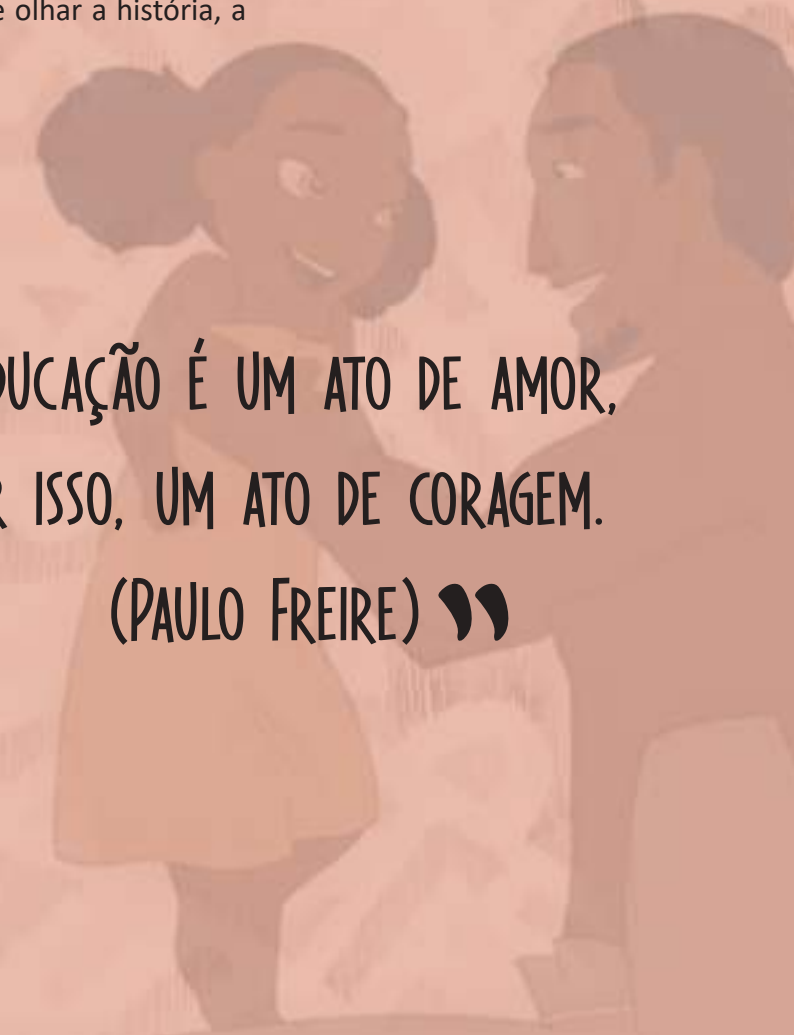
história, da cultura e dos saberes tradicionais da população afrodescendente. Acreditamos ser imprescindível reinventar o espaço escolar, transformando-o em um local que respeite a diversidade e assegure a todos os estudantes o reconhecimento de sua identidade étnico-racial, dando assim visibilidade a um grupo social que durante muito tempo foram invisibilizados.

Recorremos ao pensamento do educador Paulo Freire (1983, p.96) que afirma: “ A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. Coragem para romper com um modelo de ensino eurocêntrico, universalista e monocultural. E muito amor para acolher as diversidades e olhar a história, a

cultura e saberes dos estudantes negros e quilombola despidos de todo tipo de preconceito.

Esperamos que este material possa auxiliar a todos vocês a realizarem um fazer pedagógico que considere as práticas socioculturais e econômicas das comunidades quilombola e, que as tradições orais e as memórias do povo quilombola sejam valorizadas como fonte de conhecimento. Que este caderno venha inspirar a todos vocês, educadores, a fazerem a diferença e a construir uma educação igualitária e comprometida com o bem-estar e os saberes de todos os estudantes.

Com carinho, a autora.



“ A EDUCAÇÃO É UM ATO DE AMOR,
POR ISSO, UM ATO DE CORAGEM.
(PAULO FREIRE) ”

MONACITA PINTO REIS



QUEM SOU EU

Nasci em Bom Jesus da Lapa, no sertão baiano, região banhada pelo Velho Chico. Foi aqui, na cidade conhecida como a “capital baiana da fé” que vivi minha infância e parte de minha adolescência. Venho de uma família de professores e seguindo a mesma trajetória, fiz o curso de magistério, onde pude conhecer a beleza e os desafios de ser professor.

Aos 16 anos mudei com os meus pais para Vitória da Conquista, depois fui parar em Contagem-MG, onde concluí o Magistério e me preparei para fazer o curso superior. Em 1994, fui morar em Viçosa, interior de Minas Gerais para fazer o curso de Letras. Um ano depois, tranquei a faculdade, voltei para a Bahia e me tornei mãe.

O tempo foi passando e veio a necessidade de retornar os meus estudos. Me dediquei,

estudei e reingressei ao ensino superior. Tornei Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus VI – Caetité-BA. Comecei a exercer a carreira de docente e fui aprendendo a cada dia a ser professor, a fazer a diferença para os meus alunos. Em 2019, buscando aprimorar a minha formação profissional, ingressei no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VI. Descobri que nunca é tarde para recomeçar! E assim desejo continuar estudando, aprendendo, me aperfeiçoando. Como diz Guimarães Rosa: “O homem nasceu para aprender tanto quanto a vida lhe permita”. Essa sou eu, simplesmente Monacita.

SUMÁRIO

“ Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la. ”
Djamila Ribeiro

1. APRESENTAÇÃO

12

2. TERRITÓRIO E IDENTIDADE

15

3. ANCESTRALIDADE E ORALIDADE

29

4. SABERES E FAZERES

45

5. FESTEJOS E PRÁTICAS CULTURAIS

58

6. REFERÊNCIAS

72

7. ANEXOS: PARA SABER MAIS

73

APRESENTAÇÃO

“ Ensinar exige respeito
aos saberes do educando”.
(FREIRE, 1996, p.17)



O reconhecimento da Educação Escolar Quilombola como uma modalidade de ensino da Educação Básica ocorreu durante a Conferência Nacional de Educação (Conae) em Brasília, no ano de 2010. Esta conquista histórica foi resultado de uma trajetória de lutas e reivindicações do Movimento Negro e do Movimento Quilombola, principais protagonistas na luta por uma educação escolar que respeitasse as especificidades da população quilombola e corrigisse as desigualdades históricas que recaí sobre esse grupo social.

Nesse contexto, esses movimentos sociais reivindicavam u m a

proposta curricular que considerasse os saberes e as vivências históricas e culturais da população quilombola no fazer pedagógico, rompendo, assim, com um modelo de ensino que invisibilizava e menosprezava esses saberes.

É importante ressaltar que a implantação da Lei 10.639/2003 foi essencial na criação de políticas afirmativas voltadas para a educação da população negra, representando assim, uma ação concreta para combater as atitudes discriminatórias e racistas no espaço escolar. Além disso, a obrigatoriedade do ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo da Educação Básica possibilitou ações mais contundentes referentes a valorização da história e cultura da população negra, propondo Diretrizes Curriculares Nacionais que contemple a educação étnico-racial e a educação escolar quilombola.

A implementação da Educação Escolar Quilombola constitui, portanto, uma ação afirmativa que visa garantir no âmbito educacional a valorização e o respeito a história e a cultura dos quilombolas,

tornando-se importante ferramenta na luta contra o racismo e as desigualdades raciais

Dessa forma, o Caderno Pedagógico - Do quilombo à escola: diálogos possíveis tem a finalidade de dialogar com educadoras e educadores da Escola Municipal Lino Soares, propondo sugestões de atividades que se articulam com as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola e ofereçam subsídios que possam auxiliá-los na implementação de práticas educativas voltadas para a efetivação dessa nova modalidade de ensino.

Todas as propostas que compõem este manual servem como meio para os educadores trabalharem de forma interdisciplinar, envolvendo todas as áreas do conhecimento e anos do Ensino Fundamental I e II. Procurando abordar os diferentes saberes das comunidades quilombolas, este caderno pedagógico que está organizado em quatro capítulos temáticos: Território e Identidade; Ancestralidade e Oralidade; Saberes e Fazeres; Festejos e Práticas culturais. Cada um desses eixos temáticos está organizado em seções, sendo:

I. **REFLETINDO O TEMA:**

Esta seção abre os capítulos e apresenta uma breve abordagem das temáticas;

II. **EXPLORANDO A TEMÁTICA:**

Nesta seção serão propostos sugestão de atividades onde os (as) estudantes sejam os sujeitos protagonistas das ações;

III. **FIQUE POR DENTRO:**

Nesta seção apresentamos algumas informações sobre o tema abordado.

IV. **SE LIGA NAS DICAS:**

Para aprofundamento da temática, nesta seção indicamos sugestões de livros e documentários que possam ser utilizados pelos docentes em sala de aula.

Torna-se importante ressaltar que a proposta deste Caderno Pedagógico é estimular o professor adotar práticas de ensino que valorize a história local dos estudantes, desperte o sentimento de pertencimento e que contribua para uma educação inclusiva. Dessa forma, cabe ao professor a decisão de escolher quais as atividades que se adequam a faixa etária dos estudantes e realizarem as adaptações de acordo com a realidade em sala de aula.

Esperamos com esta proposta de intervenção transformar a escola em um espaço de-

mocrático e antirracista, fazendo uso de práticas educativas que valorize os saberes e a diversidade culturais. Afinal, como afirma bell hooks (2013, p. 273): “A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades” e essas possibilidades precisam ser acolhidas, para que todos tenham o direito de ter sua história e sua cultura valorizada no currículo escolar e que a educação possa ser um instrumento de transformação da sociedade.

“ A SALA DE AULA, COM TODAS AS SUAS LIMITAÇÕES, CONTINUA SENDO UM AMBIENTE DE POSSIBILIDADES (BELL HOOKS) ”

TERRITÓRIO E IDENTIDADE



REFLETINDO O TEMA

"Da terra, na terra, quilombolas desenvolvem atividades.

Plantam e colhem os frutos de seu trabalho.

Marcam sua história". Gloria Moura

Falo, canto, fico, insisto
A terra é mãe, não compro, conquisto
Chico Tomé falou
Permaneço no quilombo
Sou Ilê Aiyê, resisto
Vovó África nos deu a resistência, a trajetória
Somos a história
Sou remanescente
Titulação quilombola
Minha nacionalidade Zaire-Angola
Meus ancestrais afro-angolanos
Pais e avós africanos
- Sou quilombo Rio das Rãs
- Eu, Buraco do Tatu, Itapuã
Nós, Liberdade Ilê Aiyê
Remanescente Curuzu
Nossa avó África, mãe Angola, pai Bantu
Chico Tomé, Rio das Rãs
Palmares, Kalunga, Frechal
Referência quilombola rural
Liberdade, Ilê Aiyê-Curuzu
Quilombo urbano no carnaval
Vai, vai segue Ilê Aiyê
Demarcando espaços, lugares
Símbolo remanescente de Palmares

(Remanescente demarcador de espaços, lugares -
Juraci Tavares da Silva e Luís Bacalha)

A terra representa para os quilombolas um bem natural da vida onde brota o sustento de toda a comunidade e onde estão fincadas as suas raízes históricas. A luta dos quilombolas pelo direito a posse da terra é a luta pelo seu sustento, pela preservação da sua cultura, sua história e suas tradições.

Nesse contexto, refletir sobre o Território e Identidade na sala de aula, propondo conteúdos que abordem a história, as lutas e resistência das comunidades quilombolas locais terão grande contribuição

no fortalecimento da identidade dos alunos quilombolas, pois esses terão sua história sendo contada, respeitada e valorizada nos espaços escolares.

Território e identidade estão intimamente relacionados enquanto um modo de vida, uma forma de ver, fazer e sentir o mundo, enquanto espaços sociais próprios e específicos, com formas singulares de transmissão de bens materiais e imateriais para a comunidade. Bens estes que se transformam no legado de uma memória coletiva, um patrimônio simbólico do grupo.

Nivaldo Dutra. Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004), 2007.

EXPLORANDO A TEMÁTICA

Este capítulo tem como ponto de partida uma viagem sobre o continente africano considerado o berço da humanidade. Além disso, propomos diálogos que possibilitem refletir acerca da formação dos quilombos em diferentes tempos e espaços, resgatando sua história e ressaltando a importância do território para as Comunidades Quilombolas. Para a abordagem do tema Território e Identidade propomos quatro atividades.

1. ÁFRICA: BERÇO DA HUMANIDADE

Nesta aula serão feitas reflexões sobre o continente africano, desmistificando a ideia de um local atrasado, de seres selvagens e marcado por fome e guerras. Inicialmente, é importante levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o continente africano, solicitando que eles citem palavras que expresse a ideia que eles fazem sobre a África. Todas as informações abordadas pelos alunos/as deverão ser anotadas no quadro. Em seguida, entregue para os alunos cópias do poema *Mãe África*, de Vinícius Silva.

Mãe África

São muitos filhos

Nativos e descendentes

É muita história, mal contada e desconhecida

Uns a tem como pais, sendo que é um continente

Extenso, onde cabe o amor da gente!

Eu amo essa mãe África, ela é mãe de toda gente

Tem 54 filhos e milhões de netos que não posso calcular

Ela é rica, dona do ouro que os colonizadores ainda tentam roubar

Sou filho dessa mãe gigante, orgulho de ser descendente

Enquanto vida eu tiver, falarei dessa minha gente

África mãe, terra de valor

Da dor formou sua história,

Na dor mostrou seu valor

Eu honro os antepassados que por mim e por ti lutaram

Foram eles que padeceram, sofreram, morreram, choraram.

Mas em nenhum momento eles desacreditaram,

E hoje a luta persiste, os colonos não desistem

Não basta a desgraça do passado,

Não nos deixa em paz, é guerra a todo momento,

Quando será o fim de todo este sofrimento?

Que a mãe nos dê força para a cada dia lutar,

Os colonos não entendem que só queremos o nosso lugar.

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com>

Ao final da leitura, faça alguns questionamentos aos estudantes em relação ao poema, como:

- Vocês concordam com o autor ao afirmar que existem muitas histórias mal contadas e desconhecidas sobre o continente africano? Justifique sua resposta com exemplos.

- Explique os versos “Da dor formou sua história / Na dor mostrou seu valor” relacionado a história dos africanos em nosso país.

Após a socialização das respostas pelos estudantes, faça uma abordagem geral do poema, falando sobre a África como berço da humanidade e ressaltando as riquezas e as dificuldades enfrentadas no continente. Além disso, informe que os “54 filhos” que o poema refere está relacionado aos 54 países que fazem parte do continente africano. Em seguida, mostre o mapa abaixo e, através de uma leitura de imagem, aborde os seguintes aspectos: o aparecimento dos primeiros ancestrais, os principais reinos, as tecnologias utilizadas pelos africanos e os locais onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil.



Após esta abordagem, organize os alunos em grupos pequenos e com base nas discussões em sala, solicite que cada grupo criem um poema que aborde o tema: **África: berço da humanidade.**

ÁFRICA

Berço da humanidade e do conhecimento

FOI NA ÁFRICA, HÁ MILHÕES DE ANOS, QUE APARECERAM NOSSOS ANCESTRAIS E DALI PARTIRAM PARA POVOAR A EUROPA E A ÁSIA. LÁ TAMBÉM FORAM ENCONTRADOS OS PRIMEIROS CENTROS UNIVERSITÁRIOS E CULTURAIS DE QUE SE TEM REGISTRO (TUMBUCTU, GAO E DJENE). VOCÊ PODERÁ LOCALIZAR ESSAS INFORMAÇÕES NO INFOGRÁFICO, ASSIM COMO OS PRINCIPAIS IMPÉRIOS, REINOS E ESTADOS DE ONDE VIERAM OS NEGROS QUE FORAM ESCRAVIZADOS NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS QUE TROUXERAM, NA LINHA DO TEMPO, ABAIXO, ALGUNS DOS LEGADOS DOS POVOS AFRICANOS PARA A HUMANIDADE.

IMPÉRIO DE GANA
Entre os séculos 4 e 11, era conhecido como o Império do Ouro. Seu povo dominava técnicas de mineração e usava instrumentos como a bacia, importante para o avanço do ciclo do ouro no Brasil. O clima úmido da região favorecia o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

IMPÉRIO DE MALI
Expandiu-se por volta do século 12. As cidades de Tumbuctu, Gao e Djene eram importantes centros universitários e culturais. O povo Dogon, que habitava a região, registrou em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura espiral da Via Láctea, observações feitas a partir do século 17, na Europa.

IMPÉRIO DE SONGAI
Nos séculos 14 e 15, se sobrepôs ao Império de Mali. Técnicas de plantio e de irrigação por canais foram aperfeiçoadas e vieram para o Brasil juntamente com os negros escravizados. Esses saberes favoreceram a expansão da agricultura, principalmente durante os ciclos da cultura de cana-de-açúcar e do café.

ÁFRICA HOJE
ÁREA 30 milhões de quilômetros quadrados (20,3% da superfície terrestre do planeta)
POPULAÇÃO 850 milhões
NÚMERO DE PAÍSES 53
LÍNGUAS FALADAS 2 019

VALE DA GRANDE FENDA
Foi aqui que as linhagens do macaco e do homem se separaram. Há 2 milhões de anos, essa era a única área habitada por nossos ancestrais. O *Homo erectus* partiu para a Europa e a Ásia, mas os que continuaram nessa região se transformaram em sapiens, que posteriormente povoaram o mundo.

CIVILIZAÇÃO IORUBA
Desenvolveu-se a partir do século 11. Os povos dominavam técnicas de olaria, tecelagem, serralheria e metalurgia do bronze, utilizando a técnica da cera perdida (molde de argila que serve de receptáculo para o metal incandescente). A capital, Oyo Benin, era dividida em quarteirões especializados (curtume, fundição etc.)

REINO DO CONGO
Já no final do século 16, os habitantes dessa região eram especialistas em forjar ferro e cobre para produção de ferramentas. Introduziram na nossa lavoura a enxada, uma espécie de arado e diversos tipos de machados, que serviam tanto para cortar madeira como para uso em guerras.

FONTE: BRASIL VIVENDO BOMAS ADOPTANDO BOAS ATITUDES. EDUCAÇÃO ESPECIAL Nº 11 - ETNOHISTÓRICA. SITE MATHEMATIQUES OF THE AFRIQUE AFRICAINE UNIVERSITÉ DE PARIS VII - PARIS 75205, 1 E PARIS 75013. O BRASIL NO MUNDO, 4ª EDIÇÃO, MOURA E SILVA & LEONARDO, ED. COLÉGIO.

CERCA DE 20000 a.C. O objeto matemático mais antigo é o bastão de Ishango, osso com registros de dois sistemas de numeração. Ele foi encontrado no Congo em 1950 e é 18 mil anos mais antigo do que a matemática grega.

3000 a.C. O médico negro Imhotep é o verdadeiro pai da medicina: ele viveu 25 séculos antes de Hipócrates e já aplicava no Egito conhecimentos de fisiologia, anatomia e drogas curativas em seus pacientes.

3000 a.C. O povo haya (da região da atual Tanzânia) produziu aço a 400 graus Celsius - temperatura superior a dos fornos europeus do século 19. Uma faca datada de 900 a.C., feita no Egito, é o objeto de ferro mais antigo.

1650 a.C. O papiro de Rhind indica que os egípcios sabiam o valor da constante geométrica pi muito antes de Arquimedes (250 a.C.) e as propriedades do triângulo retângulo antes de Pitágoras (sec. 6 a.C.).

SÉCULO 12 Muros de pedra de 10 metros de altura foram erguidos na região do Zimbábue. As ruínas revelam saberes avançados também dos povos subsarianos em construção civil.

1879 O médico inglês R. W. Feikin aprendeu com os banyore técnicas de cesariana. O procedimento já envolvia assepsia, anestesia e cauterização do corte, que era vertical.

2. QUILOMBO: O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

Para introdução do tema Quilombo: o outro lado da história apresente para os educandos os diferentes conceitos de quilombo:

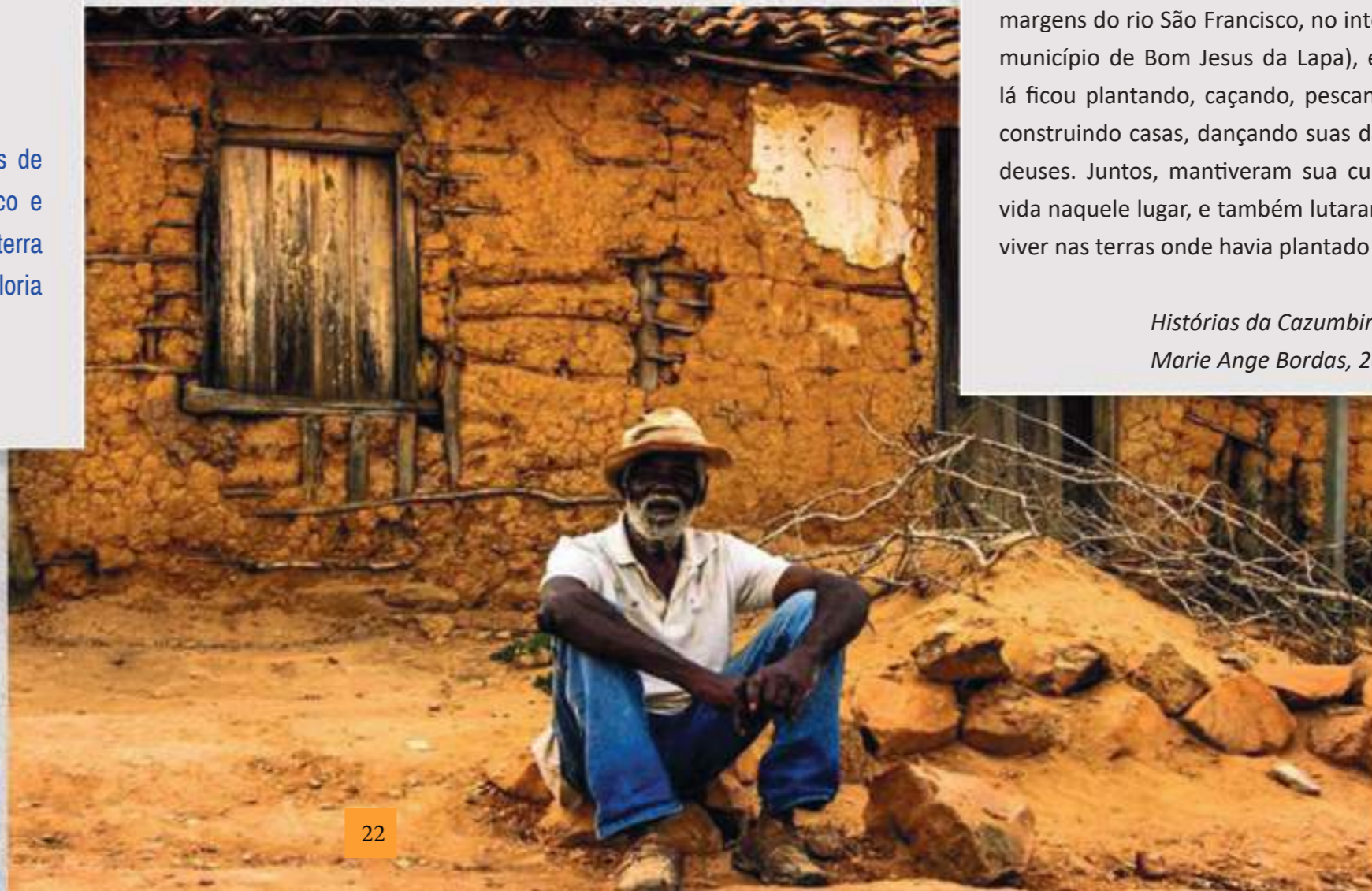
CONCEITO 01:

“Toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem achem pilões neles”.

Conselho Ultramarino Português, 1740

CONCEITO 02:

“Comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo.” Gloria Moura, 2007.



Em seguida, proponha alguns questionamentos sobre a temática, como:

- Qual desses conceitos podemos utilizar para definir o Quilombo de Palmares? Por quê?
- E os quilombos atuais, qual o conceito mais adequado para defini-los? Justifique.
- E o que vocês entendem sobre quilombo?
- Vocês conhecem algum quilombo? Qual? Como foi?

Neste momento, é importante estimular os educandos a expressarem os conhecimentos sobre o tema. Na sequência, distribua e leia com os estudantes o texto: “Quilombo”.

QUILOMBO

Quilombo é uma palavra originária de Kilombo, da língua africana bantu. Entre seus vários significados, o mais comum é acampamento ou fortaleza. Mas, afinal, o que é um quilombo? Alguns livros de história falam que quilombo é um lugar escondido formado por escravos negros fugidos, na época da escravidão. Como a escravidão acabou há mais cem anos, parece estanho falarmos de quilombo hoje em dia. Mas, para entendermos melhor, vamos usar o quilombo Rio da Rãs como exemplo. Os tataravôs das crianças que fizeram os desenhos deste livro eram escravos fugidos, sim, mas também eram índios e até brancos, como a Theodora, tão branca quanto a lua, que se apaixonou pelo tataravô de Cazumbinha! Era gente que não acabava mais, todos meio parentes entre si. Gente que criou comunidades nas margens do rio São Francisco, no interior da Bahia (no atual município de Bom Jesus da Lapa), em meados de 1800, e lá ficou plantando, caçando, pescando, cuidando do gado, construindo casas, dançando suas danças e cultuando seus deuses. Juntos, mantiveram sua cultura e seus modos de vida naquele lugar, e também lutaram muito pelo direito de viver nas terras onde havia plantado raízes.

Histórias da Cazumbinha, Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas, 2010.

Professor (a), o texto Quilombo servirá de ponto de partida para conversar com os educandos sobre a história das Comunidades Quilombolas da região.

Após a leitura do texto, converse com os estudantes a respeito das comunidades quilombolas na região de Bom Jesus da Lapa, ressaltando a luta pelo direito a posse da terra e pelo reconhecimento da comunidade como quilombola. Durante a abordagem, destaque a história da comunidade quilombola de Rio das Rãs como a primeira a ser reconhecida como Remanescente de Quilombo na região e por ter uma história de lutas e vitórias.



Para finalizar a abordagem, proponha como atividade uma pesquisa sobre as comunidades quilombolas que fazem parte do município de Bom Jesus da Lapa.

3. CAMINHOS DO QUILOMBO

Dando continuidade a abordagem sobre os quilombos organize uma visita a uma comunidade quilombola, possibilitando que os estudantes possam conhecer um pouco da história da comunidade e, assim, compreender a importância do território para a população quilombola. Antes da realização da aula de campo é importante tomar as seguintes providências:

- Agende a visita com uma das lideranças das comunidades e converse sobre o objetivo da visita;
- Peça a autorização aos pais dos alunos;
- Oriente os estudantes sobre a visita e estabeleça alguns combinados;

- Solicite o transporte escolar.

Para maior aproveitamento da visita na comunidade quilombola sugerimos que organize um roteiro de questões para serem abordadas durante a visita, como:

Roteiro de Entrevista:

- Como aconteceu a formação da comunidade?
- Quais são as principais atividades econômicas realizadas na comunidade?
- Qual a importância da terra para a comunidade?
- O que a comunidade representa em sua vida?
- O que é ser quilombola?

Professor (a), a proposta desta atividade é possibilitar que os educandos conheçam o contexto territorial do entorno da escola e a realidade histórica social das comunidades quilombolas.

Após a realização da visita na comunidade quilombola, realize uma roda de conversa com os estudantes para que todos possam compartilhar o que aprenderam com a atividade de campo.



Como atividade, solicite que os (as) alunos (as) realize uma produção textual com o tema: **No chão do quilombo**. Os resultados das produções realizadas pelos educandos deverão ser compartilhados com a turma posteriormente.

4. CINE QUILOMBO

Para realização desta atividade sugerimos a exibição do filme “Quilombos da Bahia” que aborda as histórias, cultura e práticas culturais das comunidades negras baiana. Após a exibição do filme, converse com os educandos sobre os principais aspectos abordados no filme, com base nas seguintes questões norteadoras:

- Qual a cena que mais chamou atenção no filme?
- Existem semelhanças entre as comunidades negras? Quais?
- Como é a condição de vida dessas comunidades?

- Quais as atividades produtivas praticadas nas comunidades?
- Qual a importância da terra para as comunidades quilombolas?
- O filme retrata alguma situação sobre a afirmação ou negação da identidade negra?

É importante que os estudantes se sintam estimulados a expressarem a sua percepção sobre o filme. Neste sentido, para despertar a atenção dos educandos, oriente-os para que observem os seguintes aspectos: Trabalho, Identidade, Terra.



SINOPSE

O filme Quilombos da Bahia busca resgatar a memória negra, contribuindo na elevação da autoestima da população quilombola em território baiano. O documentário foi realizado em 2004 e registrou a história das comunidades negras de 28 municípios baianos.

Direção: Antônio Olavo

Ano: 2004

Duração: 98 min.

FIQUE POR DENTRO

“ No Brasil já foram identificadas mais de 3 500 comunidades quilombolas, espalhadas por 24 estados do país. Cada uma delas tem sua história e seus costumes, mas todas guardam em comum o histórico de resistência e autonomia. Nem todas foram formadas por escravos fugidos, muitas foram conquistadas por doações, heranças, compra ou pela permanência em uma terra por vários anos. Desde de 1988, a Constituição brasileira garante o direito dessas comunidades à propriedade das terras que ocupam, para garantir que todos preservem sua identidade e sua cultura. Apesar da lei, centenas de comunidades continuam lutando para terem seus direitos reconhecidos e não serem expulsas do lugar onde seus tataravôs plantaram raízes. ”

CAZUMBÁ, Meire; BORDAS, Marie Ange. *Histórias da Cazumbinha*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

SE LIGA NAS DICAS (LIVROS)

Segue algumas sugestões de livros para trabalhar na sala de aula e aprofundar os conhecimentos sobre a temática.

BUCALA

Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula conta a história de uma linda princesa quilombola que tem o cabelo crespo em formato de coroa de rainha. Ela possui poderes que protegem o quilombo. Bucala voa no pássaro-preto, cavalga na onça suçuarana, mergulha no reino da rainha das águas doces e aprende toda a sabedoria dos reinos africanos com o sábio ancião Bem-preto-de-barbicha-bem-branca.

Autor: Davi Nunes

Assunto: Literatura infantil

Editora: Malê



HISTÓRIA DA CAZUMBINHA

Cazumbinha cresceu cantando, tomando banho de rio, pegando frutas na mata, subindo em árvore, correndo de boi... Para ajudar a contar suas histórias, as crianças do quilombo do Rio das Rãs fizeram desenhos que aparecem no livro superpostos a fotos do lugar.

Autor: Meire Cazumba e Marie Ange Bordas

Assunto: Literatura infantil – juvenil

Editora: Companhia das Letrinhas



ANCESTRALIDADE E ORALIDADE



REFLETINDO O TEMA

" Porque todos devem conhecer sua origem e seu destino."

Ruy Póvoas

A ancestralidade e a oralidade são elementos importantes para que o indivíduo possa resgatar a história de seus antepassados, conectando desta forma com suas origens. Em seus estudos sobre ancestralidade, Katiúscia Ribeiro afirma:

Ancestralidade [...]. Ela é uma forma respeitosa de honrar e (re) lembrar dos nossos antepassados. [...] Ancestralidade é mais que uma reflexão, ancestralidade é um princípio filosófico que rompe os muros da academia e chega até a cadeira de sua avó ou de seu avô como voz de sabedoria que conta através de suas oralituras – leituras de oralidade – a compreensão da sua existência.

(Katiúscia Ribeiro . O futuro é ancestral. 2020)

É através da oralidade que os saberes tradicionais e a trajetória histórica e cultural dos antepassados são transmitidos de geração a geração, mantendo viva as memórias e vivências da população negra e quilombola.

Portanto, trazer para o chão da escola práticas pedagógicas que valorize as tradições orais, as memórias e as histórias dos mais velhos é, sem dúvida, um processo que irá fortalecer a construção da identidade negras e quilombola, além de despertar nestes sujeitos a busca de suas origens afrodescendentes.

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

(Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo)

EXPLORANDO A TEMÁTICA

Este segundo capítulo tem suas discussões voltadas para a importância da ancestralidade no processo de formação histórica da identidade étnico-racial. Nas propostas apresentadas chamamos atenção para o reconhecimento dos mais velhos na preservação da história e da cultura da comunidade, valorizando desta forma, as histórias dos antepassados e preservando suas memórias ancestrais. Para realização desses diálogos propomos quatro atividades temáticas que possibilitará que os estudantes possam compreender o tema.

1. MINHA FAMÍLIA, MINHAS ORIGENS

Nesta temática propomos uma discussão sobre a importância de conhecer a história dos antepassados, resgatando suas origens e, desta forma, fortalecendo a construção da identidade étnico-racial. Para iniciar a discussão da temática, propomos que os estudantes façam a leitura do texto: Ancestralidade: o sol que iluminou nossas raízes também nos ilumina, de Luciana Rodrigues.

Ancestralidade: o sol que iluminou nossas raízes também nos ilumina

Pensar no passado da minha família é algo que eu sempre fiz e sobre o qual eu sempre tive interesse, mas foi há pouco tempo atrás que eu comecei a refletir sobre isso de verdade. Eu cresci com a minha família materna, uma família gigantesca, ou seja, com gente de tudo quanto é cor. [...] Minha mãe é uma das que saíram de pele clara, e eu cresci ouvindo que era a cara do meu pai, que é negro. Durante a infância, por não ter convivido com ele, ouvir sobre a nossa semelhança era meio frustrante – eu queria ser igual à minha mãe, poxa! [...] Meus tios me davam apelidos pela cor da minha pele e traços (“morena cor de jambo”, “feijãozinho”, “índia Paiacã”) e eu cresci querendo clarear, não me sentindo confortável naquela pele cuja cor as pessoas usavam para fazer piadas comigo. Minha mãe sempre me disse que eu era linda do meu jeito, que não precisava mudar por ninguém, mas eu me sentia frustrada.

Em casa, com os meus avós e minha mãe, porém, a situação era diferente: minha avó, mulher muito espiritual, ligada à natureza e conhecedora de todo tipo de remédio caseiro com plantas que você pudesse imaginar, sempre demonstrou orgulho de ser quem era. Durante o ensino médio, quando normalmente adolescentes se afastam dos mais velhos, eu me aproximei dela. Conversávamos a manhã inteira sobre como a vida dela era no interior do nosso estado, Amapá, e ela me contava histórias que uma vez tinham sido contadas a ela também. Nessas conversas que tínhamos, eu comecei a reparar nos traços dela – olhos pequenos e puxados, boca carnuda, bochechas altas, pele escura – e a reconhecê-los em mim. Quanto mais eu admirava aquela mulher, mais sentia orgulho de me ver nela.

Minha avó morreu há muitos anos atrás, mas com a lembrança dela ficou também o impacto das palavras que as pessoas me diziam e eu tentava ignorar: não tinha que me envergonhar se alguém apontasse que a minha pele era escura e que quando alguém me chamava de indiazinha era um orgulho para mim e para a memória da família da minha avó, que era descendente de índios.

Descobri, depois de muito

tempo, que a família do meu pai é toda composta de negros e descendente de escravos alforriados, e a realização do orgulho que isso me deu me encheu de felicidade. O mundo tenta nos mostrar que bonito é ser claro, nos ensina a enaltecer qualquer tipo de traço branco e empurra abaixo nossa goela uma vergonha da cor que a nossa pele tem, quando na verdade existe todo um passado de luta e resistência por trás dessa pele

escura ou desse cabelo enrolado. Hoje, quando alguém me pergunta quem eu sou, eu sei que posso encher o peito para dizer que sou o resultado do que a minha família foi no passado; posso dizer que tenho não só consciência de quem eu sou perante a sociedade graças à minha avó, mas mais importante, que gosto disso – e essa é uma característica da qual, hoje, eu não permito que me façam sentir vergonha e pela qual eu não permito que me diminuam.



Ilustração Dora Leroy

2. MINHA ÁRVORE GENEALÓGICA

Após a leitura, proponha as seguintes questões para interpretação do texto:

- Do que trata a história?
- Qual o trecho que mais chamaram atenção de vocês? Por qual razão?
- A história representa situações vivenciadas por vocês? Qual?
- Qual a importância de conhecer a história de sua família?

Para ampliar a discussão, solicite que cada aluno escreva uma mini autobiografia falando sobre suas características, sua personalidade, sua origem, suas lembranças e eventos que mais marcaram a sua vida. Após a construção da mini autobiografia, faça uma roda de conversa e deixe que os estudantes socializem para a turma a sua história. É muito importante que o professor inicie lendo a sua própria autobiografia para estimular os educandos a fazerem o mesmo.

A realização desta atividade tem o objetivo de estimular os estudantes a conhecer mais sobre as suas origens e a de sua família. Para iniciar a atividade, faça a leitura do trecho da canção: Baião do Tomás.

BAIÃO DO TOMÁS

(Chico Saraiva/ Luiz Tatit, disco Trégua, 2003, selo Eldorado)

Quando o filho do filho do pai
Nasceu tão bem
O avô que era pai do seu pai
Foi ver o neném
Ele viu que seu filho sorria
Isso já lhe agradou
Era o filho que o filho queria
E que agora chegou
Tinha um pouco do pai
E mais um pouco do avô

Quando a mãe desse filho do pai
Teve o neném
A avó que era mãe dessa mãe
Não passou bem
Ela via que a filha sofria
Isso lhe dava dó
Mas o filho da filha trazia
Uma alegria só
Tinha um pouco da mãe
E mais um pouco da avó

Muitos tios e tias
Já davam sinais
Que queriam ser os padrinhos
Só falavam desse sobrinho
Muitos outros filhos
Dos irmãos dos pais
Os maiores e os pequeninos
Não tiravam os olhos do primo
Que dormia em paz
Sonhava com os pais
Avós dos pais
E todos ancestrais.

Com base na letra da canção, dialogue com os estudantes sobre as configurações familiar de Tomás, chamando atenção para as características genéticas que Tomás herdou de seus pais biológicos e para os diferentes sentimentos que o texto aborda com o nascimento de Tomás.

Em seguida, dialogue com os estudantes sobre as seguintes questões:

- Vocês sabem o que é parentesco?
- Na canção Baião de Tomás quais as relações que podem ser consideradas de parentesco?

Após o diálogo, explique para os educandos que existem dois tipos de parentesco: consanguíneo e o por afinidade.

“O **parentesco consanguíneo** é aquele que advém de questões biológicas (ou seja, da procriação), com uma única exceção: a ‘adoção’, que cria parentesco consanguíneo, mas não pela procriação.”

Fonte: INTRABARTOLO, Daniela. Erros constantemente cometidos no que diz respeito às relações de parentesco. Jus Navigandi, Teresina, ano 14, n. 2309, 27out. 2009

O **parentesco por afinidade** é aquele criado pela lei. (...) “a afinidade é o vínculo que se estabelece entre um dos cônjuges ou companheiro e os parentes do outro (sogro, genro, cunhado etc.).”

Fonte: INTRABARTOLO, Daniela. Erros constantemente cometidos no que diz respeito às relações de parentesco. Jus Navigandi, Teresina, ano 14, n. 2309, 27out. 2009

3. BAÚ DE MEMÓRIAS

Após explicar esses conceitos, pergunte aos estudantes:

- Vocês já ouviram falar em genealogia? E árvore genealógica, vocês sabem o que é?
- Alguns de vocês já fizeram a árvore genealógica de sua família?

Estimule os educandos a responderem as perguntas e em seguida, explique o conceito de genealogia para os estudantes.

A **genealogia** é uma ciência que estuda a origem, evolução e disseminação das várias gerações de uma família. A partir de informações buscadas em documentos e certidões de pais, tios, avós e bisavós, as pessoas conseguem descobrir seus antepassados e quando e onde eles nasceram.

Fonte: LOUREDO, Paula. O que é genealogia? Brasil Escola

A **árvore genealógica** também pode ser chamada de heredograma (do latim heredium, herança), que é a representação gráfica das relações de parentesco entre os indivíduos de uma família.”

Fonte: LOUREDO, Paula. O que é genealogia? Brasil Escola.

Após a discussão do tema, convide os alunos para fazerem sua própria “Árvore Genealógica”. Para orientar os estudantes nessa construção consulte o **Anexo: Para saber mais** o passo a passo de como fazer a “árvore genealógica”.

As nossas origens revelam muito do que gostamos, do que fazemos, do que pensamos e do modo como vivemos. Será que você tem uma avó ou um bisavô indígena? Ou será que eles são descendentes de africanos? Talvez tenha vindo de outra região ou estado do Brasil. O que as histórias de nossos antepassados revelam sobre nós?

(SEVERIANO, A.P; LOPES, D.E; ROCHA, G; ALENCAR, R. Educação para a vida: projeto de vida. São Paulo: Moderna,2020)

Inicialmente, converse com os estudantes sobre o conceito de memória. Em seguida, solicite que os estudantes, de forma voluntária, compartilhem com turma a memória de algo importante que aconteceu na vida deles (as).

A memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória, construímos a lembranças, que para existir precisa do outro e necessita ser compartilhada.

Franklin Espath Pedroso

Para continuar o debate sobre o tema, fale sobre as memórias e histórias presentes em objetos e fotografias e solicite que cada estudante escolha, junto com a família, um objeto ou foto que revelem memórias de seus familiares.

Na próxima aula, o professor deverá organizar um local para receber esses objetos. Sentados em círculo, de um a um, cada estudante pega seu objeto e compartilha com a turma a história por trás do objeto e a sua importância.

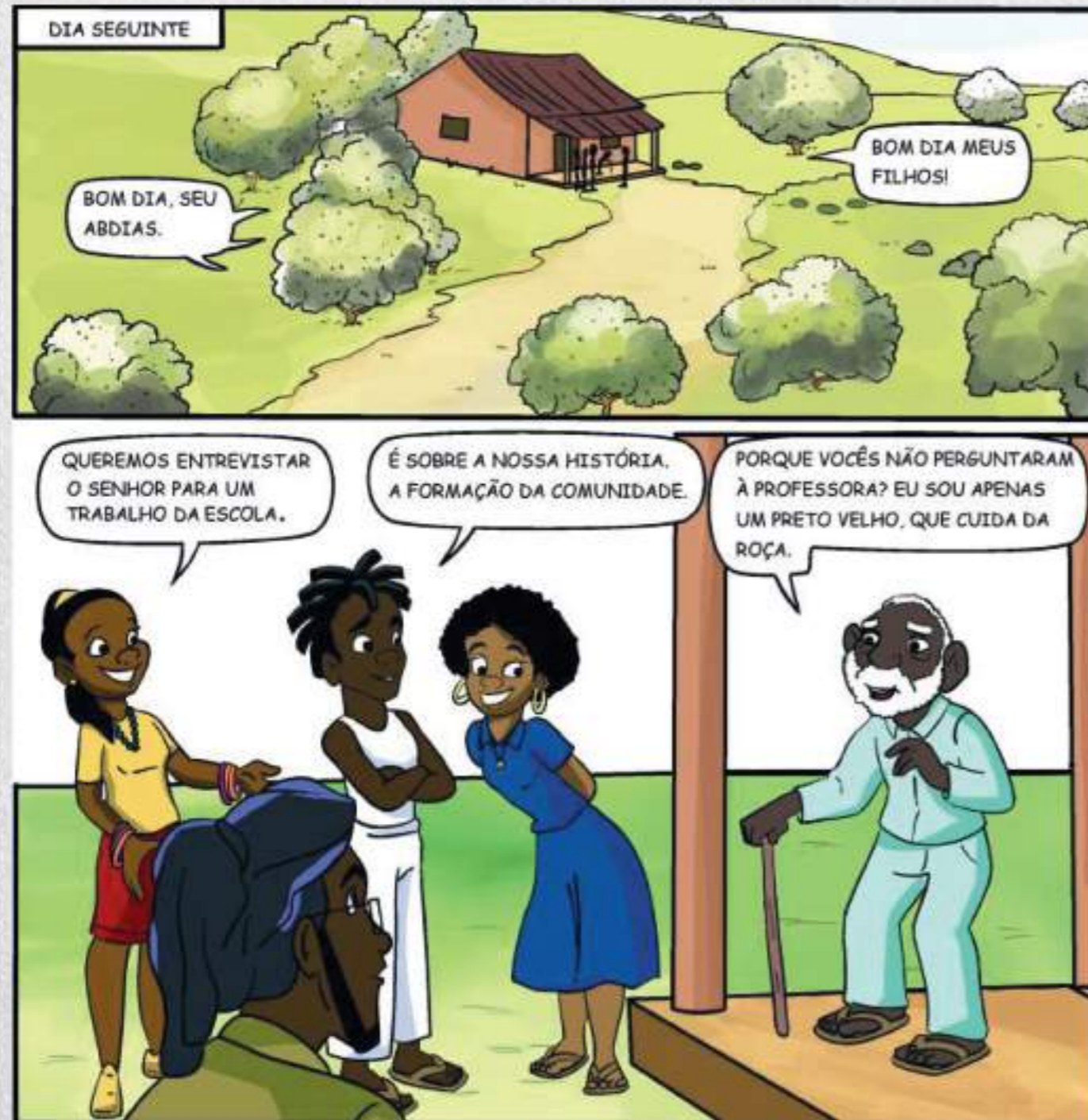
Ao final da atividade solicite que os estudantes façam o registro escrito de suas conclusões a respeito da escolha do objeto e de sua história.

Professor (a), para estimular os (as) alunos (as) a falarem sobre suas memórias, inicie compartilhando uma memória de sua vida.



4. RESGATANDO NOSSA HISTÓRIA

A memória e a oralidade constituem elementos importantes para resgatar a história das comunidades quilombolas. Nesse sentido, sugerimos como introdução da aula a leitura do HQ *Preservando nossa memória*.



Trecho da História em Quadrinho Preservando nossa memória – Projeto Juventude Quilombola Irecê: CAA, 2016.



Trecho da História em Quadrinho Preservando nossa memória – Projeto Juventude Quilombola Irecê: CAA, 2016.

Inicialmente, o educador deverá dividir a turma em grupos, distribuir uma cópia do HQ e solicitar que os estudantes realizem a leitura do quadrinho no grupo. Após a leitura do HQ o professor deverá realizar a interpretação da história, com base nas seguintes questões:

• Quem são os principais personagens da história? O que eles representam?

• Qual dos personagens mais chamou sua atenção e porquê?

• Qual é o evento que os (as) estudantes estão organizado na escola? E o que esse evento representa para a população negra e para a sociedade brasileira?

• A história faz referência a alguns

costumes e tradições praticadas no dia a dia das comunidades quilombolas. Quais são esses costumes e qual a importância de sua preservação?

Após a discussão, apresente o trecho da HQ que fala sobre os griôs, os contadores de história.



Trecho da História em Quadrinho Preservando nossa memória – Projeto Juventude Quilombola Irecê: CAA, 2016.



Trecho da História em Quadrinho Preservando nossa memória – Projeto Juventude Quilombola Irecê: CAA, 2016.

Em seguida, o professor deverá conduzir uma reflexão acerca do papel das pessoas mais velhas na sociedade, abordando sobre a importância de preservar a memória dos antepassados como forma de manter viva as tradições, os costumes, as histórias e as práticas culturais das comunidades negras rurais.

Para ampliar os conhecimentos, solicite que os educandos façam uma pesquisa biográfica sobre personalidades negras que o HQ faz referência: Dandara, Zumbi e Abdias Nascimento. O resultado da pesquisa deverá ser socializado pelos estudantes. É importante que o professor ressalte o papel dessas personalidades na luta pelos direitos das populações negras.



Para encerrar o debate sobre o tema Oralidade e Ancestralidade o professor deverá organizar um momento onde os estudantes possam ouvir histórias dos antepassados narradas pelos griôs, os contadores de história. Inicialmente, o professor deverá retomar alguns conceitos abordados na História em Quadrinho Preservando nossa memória como: memória, ancestralidade, oralidade, antepassados e griôs.

O griot era o indivíduo encarregado de preservar e transmitir as histórias, lendas e canções de seu povo. O cargo de griot passava de pai para filho. Existiam vários tipos de griots: os músicos, que cantavam e tocavam vários instrumentos e eram responsáveis pela preservação de canções importantes para o grupo; os contadores de histórias, capazes de contar com detalhes histórias que ouviram quando crianças; havia também os que guardavam feitos de grandes guerreiros, batalhas e acontecimentos considerados marcantes para repetir em ocasiões especiais; os griots comediantes, que contavam casos engraçados para divertir o público nas aldeias, que visitavam regularmente. Os griots eram procurados por muitos reis africanos para professores particulares de seus filhos. Eles ensinavam arte, conhecimento de plantas, tradições, histórias e davam conselhos aos jovens príncipes. Uma das frases mais divulgadas pelos griots professores que chegou aos nossos dias é: “Cada dia se aprende algo novo; basta saber ouvir.”

BOULOS Junior, Alfredo. História: sociedade & cidadania.1. ed. São Paulo: FTD, 2006.p.

Para encerrar esse momento de reflexão, convide antecipadamente um representante da comunidade quilombola para compartilhar com as estudantes histórias de seus antepassados. Ao finalizar a atividade, converse com os estudantes sobre o que aprenderam durante a realização da atividade.

Professor (a), não deixe de ressaltar a importância dos mais velhos das comunidades – os griôs – na preservação história da comunidade e no resgate dos saberes tradicionais por meio da oralidade.

Professor (a), este é um momento bastante significativo, pois possibilita que a história da população negra seja narrada sobre o ponto de vista não europeizado, possibilitando assim a descolonização do currículo.

FIQUE POR DENTRO

“Griot é a denominação aos contadores de histórias da África. São considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. O termo pertence ao vocabulário franco-africano, criado na época colonial para designar narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmitia a história de personagens e famílias importantes para as quais estavam a serviço”

BRAZ, Júlio. Griot – Histórias que ouvimos da África. 1. ed. rev. São Paulo: Projeto Pedagógico, 2012.

SE LIGA NAS DICAS (LIVROS)

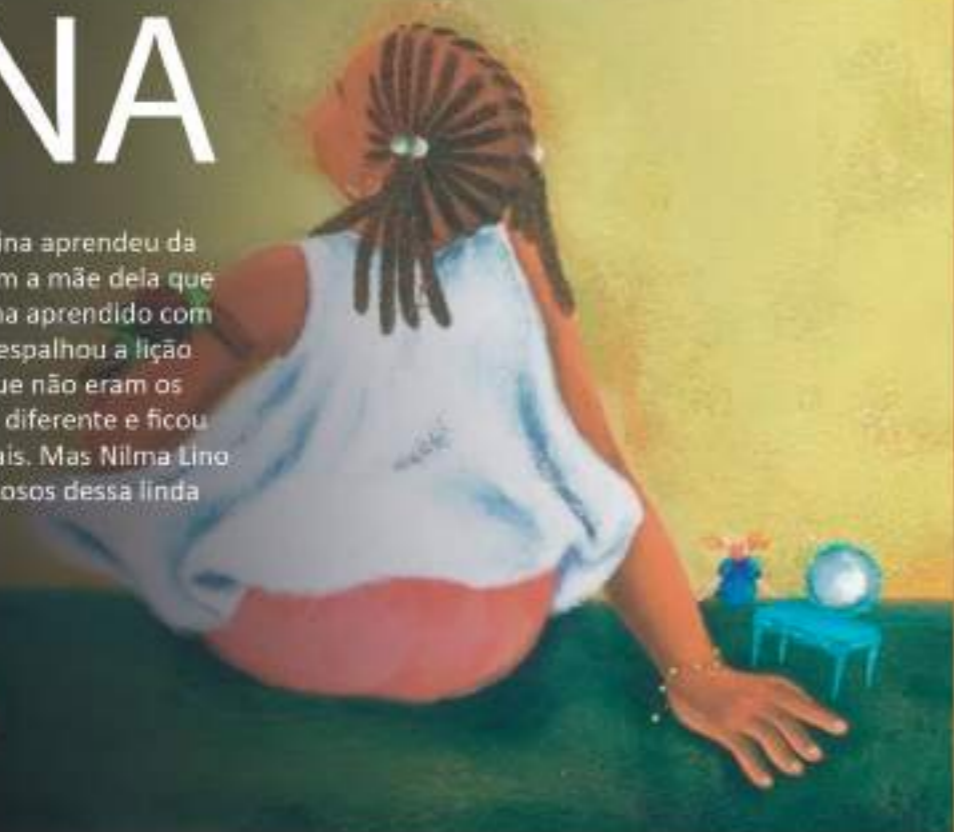
BETINA

Sinopse: A lição do penteado, Betina aprendeu da amorosa avó e a avó aprendeu com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia. Só que Betina foi além e espalhou a lição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. Ela abriu um salão de beleza diferente e ficou conhecida em vários lugares do país. Mas Nilma Lino Gomes tem muitos detalhes deliciosos dessa linda história.

Autor: Nilma Lino Gomes

Editora: Mazza Edições

Ano: 2009.



MÃE DINHA

Sinopse: Griot é o contador de histórias africano que passa a tradição dos antepassados de geração em geração. O objetivo da Coleção Griot Mirim, que tem entre seus títulos "Mãe Dinha", é trabalhar a identidade afrodescendente na imaginação infantil. E é justamente à imaginação que esses livros falam a partir de uma composição sensível, de textos curtos e poéticos, associados a belas ilustrações. Modo lúdico de reforçar a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor.

Autor: Madu Galdino e Rubem Filho

Editora: Mazza Edições

Ano: 2007



SABERES E FAZERES



REFLETINDO O TEMA

Conhecer e saber, neste contexto, é experimentar, sentir, vivenciar. Não há separação estanque entre vivido e concebido, saber é fazer e fazer é saber. (LUZ, 1995, p. 574)

Uma casa de taipa luz de candeiro
Um povo de batalha hospitaleiro
Chico Tomé
Ô, Chico Tomé...
Os irmãos Ilê
Vieram trazer-te um abraço
Deus axés as militâncias e labutas
Quilombos de Rãs é nosso espaço
Faz tempo que a corrente quebrou
Que o chicote partiu
Que o tronco apodreceu
E as terras não saíram ai, ai, ai...
Que não temos feitor só barreiras impotentes
Ilê rompe barreiras como quebrou correntes.
Ai que saudades do meu povo quilombola
Das juremas dos terreiros capoeiras e violas
Até da enxada labuta cansativa
Do pilão paçoca milho e bonecos com manalbas
E da cabaça faço a roda um carrinho
Brincadeiras inocentes dos pequenos quilombinhos

(Vamos abraçar Tomé, Rita Mota)

Os saberes e as práticas tradicionais são conhecimentos herdados dos antepassados e fazem parte da história e da identidade cultural das comunidades quilombolas. Através da oralidade, os mais velhos vão transmitindo para as novas gerações os costumes e as práticas cotidianas dos povos quilombolas, tornando-se verdadeiros guardiões da história local.

Portanto, trazer para o espaço escolar os conhecimentos e saberes dos diversos quilombos espalhados em território brasileiro é, sem dúvida, uma forma de valorizar os saberes e os fazeres tradicionais da população negra e quilombola, dando visibilidade a história e as práticas tradicionais de um grupo social que durante muito foi invisibilizado no espaço escolar.

É através da tradição oral que os causos, as lendas, os conhecimentos sobre ervas medicinais, os ritos, as cantigas de roda, as chulas e os sambas são transmitidos as novas gerações.

(Shirley Pimentel de Souza. Educação Quilombola: os saberes e fazeres da experiência sociocultural e currículo escolar.2017)

EXPLORANDO A TEMÁTICA

A série de três atividades temáticas propostas neste capítulo busca refletir sobre as questões relacionadas aos Saberes e Fazeres das comunidades quilombolas, compreendendo a sua importância na formação da identidade das populações quilombolas e resgatando tradições que foram historicamente silenciados no espaço escolar

1. EM CADA IMAGEM, UMA HISTÓRIA

A atividade com imagem é uma forma de despertar nos estudantes o interesse pela temática, assim como introduzir o conteúdo que será abordado na aula. Para isso, inicialmente selecione imagens¹ que retrate os fazeres e saberes das comunidades quilombolas, como:

¹ As imagens apresentam algumas das práticas desenvolvidas nas comunidades quilombolas, representando os saberes-fazeres dos quilombolas.



Foto de Tacun Lecy

Vaqueiro – Quilombo Rio das Rãs -Ba



Foto de Tacun Lecy

Benzedeira - Quilombo Campo Grande- Ba



Foto de Heloisa Braun

Carro de boi – Quilombo Barra - Ba



Foto de Heloisa Braun

Casa do Pão – Quilombo Bananal- Ba



Foto de Tacun Lecy

Cestos de piaçaba Quilombo Jatimane- Ba



Foto de Tacun Lecy

Rendeiras – Quilombo Campo Grande - Ba



Foto de Acervo Público

Casa da farinha – Quilombo de Cordoaria – Ba



Foto de Acervo Público

Casa da rapadura – Quilombo A. Gonçalves – Ba

Para realização da atividade, organize a sala em pequenos grupos e distribua uma imagem para cada grupo. Em seguida, oriente os estudantes a realizar uma leitura da imagem a partir de algumas questões norteadoras, como:

O que as pessoas estão fazendo na imagem?

Você conhece alguém que já realizou algumas dessas atividades? Onde e como foi?

As imagens remetem alguma memória de infância ou adolescência de vocês? Qual?

Que título vocês dariam para a imagem?

Na sequência, solicite que os grupos socializem com a turma a interpretação da imagem. Durante este momento o professor deverá anotar algumas palavras mencionadas pelos estudantes para conduzir a abordagem do tema. Ao final da exposição do conteúdo, peça que os estudantes pesquisem outras imagens que esteja relacionado ao tema para confecção do painel: Fazeres e Saberes do Quilombolas.

Professor (a), nesta atividade é possível conhecer algumas práticas tradicionais utilizadas nas comunidades quilombolas e refletir sobre a importância de sua preservação pelas novas gerações. Vale destacar também, que a preservação desses saberes contribui para fortalecer a identidade das populações quilombolas.

2. BRINCADEIRAS AFRICANAS

Para introdução do tema Brincadeiras Africanas inicie a discussão com a dinâmica Ciranda da Memória onde será possível identificar os conhecimentos dos estudantes sobre o tema. Inicialmente organize a sala de aula em círculo e explique como será desenvolvida a dinâmica.

DINÂMICA CIRANDA DA MEMÓRIA: PASSO A PASSO

Participantes: Não tem limite de participantes para esta dinâmica.

Duração: Varia de acordo com o grupo e o envolvimento dos estudantes.

Material: Uma bola comum

Descrição: O facilitador explica ao grupo que a atividade consiste em dizer uma palavra-chave e em seguida todos devem falar algo que esteja relacionada com a palavra-chave. As palavras não devem ser repetidas, levando os estudantes a buscar na memória outros exemplos.

DESENVOLVIMENTO:

- Organizar a sala em círculo;
- O professor revela a palavra que deve estar dentro de um envelope;
- Em seguida, o professor joga a bola para um dos participantes que deverá falar a palavra e jogar para outro participante e assim sucessivamente.
- A atividade terminará quando todos tiverem participado.

Durante a realização da dinâmica, o professor deverá anotar as brincadeiras citadas pelos estudantes, para levantar o debate com os alunos, com base nas seguintes questões:

- Durante a infância de nossos pais e avós as brincadeiras eram as mesmas de hoje?
- Todas as brincadeiras citadas ainda são realizadas nos dias atuais?
- Vocês conhecem todas as brincadeiras citadas?
- Por que nos dias atuais muitas dessas brincadeiras deixaram de ser praticadas?

Após a interação da turma, o professor poderá citar brincadeiras antigas, como amarelinha, gangorra, entre outras, caso não tenha sido citada. É o momento de ressaltar a importância de resgatar algumas brincadeiras que foram sendo esquecidas com a presença da tecnologia.

1. BRINCADEIRA TERRA-MAR

Originária de Moçambique, a brincadeira é muito fácil de ser executada. Basta riscar uma extensa linha no chão. De um lado deve-se escrever a palavra “terra” e do outro lado, a palavra “mar”. No começo, todos podem ficar na terra. Porém, quando o professor gritar “mar” todos devem pular para o lado contrário. O procedimento vai se repetindo, e o interessante é que as ordens sejam dadas cada vez mais rápidas. Aqueles que foram errando o lado vão sendo eliminados, até que aquele que ficar por último seja o vencedor.

BRINCADEIRAS AFRICANAS PARA EDUCAÇÃO CULTURAL, Débora Alfaia da Cunha, Castanhal - PA. Edição do autor. 2016

Ao final da abordagem do tema solicite que os estudantes façam uma pesquisa com as pessoas antigas da comunidade sobre as brincadeiras que eles realizavam durante a infância. As descobertas deverão ser transformadas em uma pequena história e socializadas com a turma. Após as correções das produções dos alunos, faça um mural Brincadeiras Antigas com as histórias construídas pelos estudantes e em seguida, procure saber a percepção dos estudantes sobre a realização da pesquisa, propondo as seguintes reflexões:

- O que mais chamou atenção de vocês durante a realização da pesquisa? Por quê?
- Vocês conheciam as brincadeiras citadas pela pessoa entrevistada? E qual a brincadeira que vocês mais gostaram de conhecer?

Professor (a), a proposta desta atividade é ouvir as pessoas mais velhas, resgatar suas memórias de infância e transformá-la em uma história.

Para finalizar a abordagem sobre as brincadeiras antigas, convide os estudantes a conhecer a história de Abayomi, uma boneca africana.

Com a sala organizada em círculo, exiba o vídeo Abayomi-Parte 1: Contação de História. (Link disponível em Se Liga nas dicas). Após a exibição do vídeo, promova com a turma uma reflexão sobre o papel da mulher africana e a importância da preservação das tradições e dos saberes africanos. Em seguida, distribua para os estudantes o texto com a história de Abayomi e peça que eles façam a leitura.

2. A HISTÓRIA DA ABAYOMI

Quando os negros vieram da África para o Brasil como escravos, atravessaram o Oceano Atlântico numa viagem muito difícil a bordo dos tumbeiros, navios de pequeno porte que realizavam o transporte de negro escravizados. As crianças choravam assustadas, porque viam a dor e o desespero dos adultos. As mães negras, então, para acalantar suas crianças, rasgavam tiras de pano de suas saias e faziam bonecas feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção para as crianças brincarem. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa “Encontro precioso”, em iorubá, uma das maiores etnias do continente africano, cuja população habita parte de Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. A boneca Abayomi valoriza a cultura africana e contribui para o reconhecimento da cultura afro-brasileira, pois faz parte da herança cultural dos negros africanos para o Brasil. A palavra Abayomi significa: encontro feliz, ou encontro precioso, aquele que traz felicidade e alegria em ioruba. Quando você dá uma boneca Abayomi para alguém, esse gesto significa que você está oferecendo o que tem de melhor para essa pessoa.

(Texto adaptado: VIEIRA, Kauê. Bonecas Abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino. AFREKA.2015)

3. CHÁ DE ANCESTRALIDADE

Após a leitura do texto, explique para os estudantes sobre em que condições os africanos chegaram no Brasil, como eram as viagens para o Brasil, de qual região do continente africano vieram os negros escravizados e principalmente a forma de resistência à escravidão.

Para aguçar a criatividade dos educandos proponha uma oficina para a construção da boneca Abayomi. Segue o passo a passo para a confecção da boneca Abayomi no Anexo: Para saber mais.

A atividade Chá de Ancestralidade tem o objetivo de resgatar os conhecimentos ancestrais sobre as ervas e o seu poder medicinal. Na abordagem do tema, sugerimos a realização da dinâmica utilizando o olfato e paladar como forma de saber os conhecimentos dos estudantes sobre as ervas medicinais. Para isso, organize o ambiente com uma mesa com mostras de ervas e algumas garrafas de chás para degustação. Inicialmente, deixe os (as) alunos (as) sentirem o cheiro das ervas e oriente-os a tentar descobrir o nome. A segunda etapa será a degustação de chás, onde através do sabor os estudantes deverão descobrir o nome da erva medicinal.

Na sequência, realize uma roda de conversa onde os educandos deverão compartilhar suas descobertas, sensações e sentimentos durante a realização da dinâmica. Para estimular o diálogo, sugerimos as seguintes reflexões:

- Os cheiros e os sabores despertaram em vocês alguma memória? Qual?
- Vocês conheciam todas as ervas?
- Alguém sabe qual a utilidade das ervas que foram utilizadas na dinâmica?
- Que outro tipo de ervas medicinais vocês conhecem?



Professor (a), para a realização da atividade sugerimos a degustação do chá capim santo, erva cidreira e hortelã. É importante certificar anteriormente com os pais ou responsável se o educando poderá ingerir chás com essas ervas.

Após a realização da atividade é importante ressaltar a importância das ervas em comunidades rurais onde a presença de um médico é bastante esporádica ou nem existe. Para aprofundar os conhecimentos do tema, solicite que os estudantes realizem uma pesquisa com as pessoas da comunidade sobre as ervas medicinais, seus benefícios e modo de preparo. Com o resultado da pesquisa organize com a turma o painel “Árvore da Ancestralidade” com a exposição sobre as ervas medicinais e suas propriedades fitoterapêuticas. Para finalizar a abordagem sobre os saberes tradicionais das ervas medicinais, convide um representante da comunidade para dialogar com os (as) estudantes sobre o uso das ervas medicinais, suas propriedades, modos de usos, entre outros. Após essa roda de conversa, organize com os estudantes um canteiro de ervas medicinais na escola.



FIQUE POR DENTRO

“ Em diversas culturas, as ervas representam a cura para os males do corpo e do espírito. Foi assim na China Antiga, na Grécia, entre os celtas, os hebreus, hindus, árabes, ameríndios e africanos [...]. Durante muito tempo, estes conhecimentos foram relegados a segundo plano e tratados como crendice popular. A ciência vem comprovando o que os diversos líderes espirituais antigos já sabiam: que nas folhas pode estar a resposta para muitas doenças que afligem a humanidade.”

(Saberes e Fazer, v.3. Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, p.95)

SE LIGA NAS DICAS (VÍDEOS)

Abayomi - Parte 1 - Contação de História

De forma lúdica, a história retrata a escravidão e traz meios para abordar a cultura, a fauna e a flora africana.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>

Abayomi - Parte 2 – Música

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=oIEYkzO0geo>

LIVROS

KAKOPI, KAKOPI!

Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos.

Sinopse: Korir e Chental, dois irmãos que vivem e estudam no Quênia, estão sempre em busca de novas brincadeiras pelo continente africano. Dessa vez, eles pesquisaram e recolheram para um trabalho escolar vinte jogos de diversos países! Cada um mais interessante e divertido do que o outro.

Autor: Rogerio Andrade Barbosa.

Editora: Melhoramentos

Ano: 2019

AS BRINCADEIRAS AFRICANAS DE WEZA

Sinopse: Weza é uma menina reluzente de pele escura e cabelo crespo curtinho, juntamente com suas duas mães, seu irmão e com ajuda de seu caderno afrolúdico, ela relembra e ensina as brincadeiras que aprendeu em suas viagens por Angola, Moçambique, África do Sul e República Democrática do Congo. Weza também compartilha palavras e expressões do português angolano e moçambicano e de outras línguas africanas, bem como aspectos das tradições culturais dos países visitados.

Autor: Sheila Perina de Souza

Editora: Kitembo

AFRICA



FESTEJOS E PRÁTICAS CULTURAIS

Ô de casa, ô de fora
Ô de casa, ô de fora
Maria vai ver quem é
Maria vai ver quem é
São os cantador de Reis
São os cantador de Reis
Quem mandou foi São José
Quem mandou foi São José
Canta Reis não é pecado
Canta Reis não é pecado
São José também cantou
São José também cantou
São José também cantou
Neste dia de alegria
Mas depois de muito tempo
São José também chorou
Porque viu seu filho moço
Pregado numa cruz por tanto amor

(Reisado a São José, Clemilda)

REFLETINDO O TEMA

“Festas são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais.” Eliomar Carlos Mazoco.

Ao som da batida dos tambores ressoa a memória do povo negro e quilombola que através da dança, da música, da ginga e de tantas outras expressões culturais procuram preservar suas tradições e suas raízes ancestrais.

Celebrar seus santos, festejar suas histórias e vivenciar suas tradições são eventos presentes nas comunidades quilombolas,

que ao se manifestarem, demonstram a importância dessas práticas culturais para o fortalecimento de um grupo.

Folia de reis, capoeira, samba de roda, congadas, roda de São Gonçalo são algumas das manifestações culturais que revelam os costumes e as histórias das comunidades quilombola e que, ao ser abordada no espaço escolar, possibilita que as

vivências, saberes e expressões culturais dos estudantes quilombolas sejam visibilizados e respeitados. Além disso, a escola estará contribuindo com a valorização desses elementos culturais, elevando a autoestima dos estudantes e preservando uma herança cultural que fazem parte da cultura brasileira.

“A vida nas comunidades negras rurais é intercalada por sons dos instrumentos de trabalho no campo e batida de tambores nas festas, percussões que contam a história, lutas, alegrias e tristeza do povo negro.”

Gloria Moura. Festas dos quilombos. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2012

EXPLORANDO A TEMÁTICA

Este último capítulo tem o objetivo de identificar as principais manifestações culturais realizadas nas comunidades quilombolas e reconhecer a importância de preservar essas manifestações culturais, como forma de manter viva a memória do povo negro. Para isso, propomos quatro atividades temáticas que irão possibilitar o aluno conhecer algumas tradições culturais herdadas dos descendentes africanos.

1. AO SOM DO ATABAQUE,
AS TRADIÇÕES DE UM POVO.

Para saber os conhecimentos dos estudantes acerca das festividades realizadas em suas comunidades, solicite que escutem a música Reisado a São José. Após ouvir e cantar com os/as alunos/as a música o professor deverá realizar as seguintes reflexões:

- Vocês já ouviram ou participaram de algum festejo onde essa música foi cantada? Como foi?

Professor (a), para a realização desta atividade é importante disponibilizar para os estudantes a letra da música Reisado a São José, que introduz esse capítulo. No momento de refletir sobre a música, estimule que todos os estudantes possam expressar suas vivências em relação ao tema.

Na sequência, proponha a leitura do texto Festa de Reis, de Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas que retrata a participação de Cazumbinha na Folia de Reis na comunidade quilombola de Rio das Rãs.

FESTA DE REIS

É época das águas, é tempo de Festa de Reis e da lapinha na casa de Sá Martinha. O povo de Reis vai de casa em casa pedir contribuição para montar a festança. De longe se ouve os tambores, as palmas, as vozes. Eles vêm tão alegres! A casa de Cazumbinha é a primeira que encontram, mas ela já sabe que eles só param na volta, bem tarde da noite. Ela vai dormir ansiosa pela chegada do povo de Reis. Finalmente, a cantiga:

- Ô de casa

Ô de fora

Maria, vai ver quem é

Somos cantador de Reis

Quem mandou foi São José.

Cazumbinha dá um pulo da cama e corre para a sala. Se pudesse, ela mesma abriria a porta. Eles cantam e sapateiam, “Ô de casa...”, a mãe responde, “Ô de fora...”, e finalmente a porta se abre para que o povo de Reis possa entrar e sambar. Cazumbinha sabe que é a última casa, mas também que é ali que eles mais vão se demorar. A mãe se esmera: comprou cachaça; fez café; serve requeijão; serve coalhada. Eles comem e bebem; bebem e sambam. Cazumbinha fica lá no canto olhando para aqueles seres que rodopiam; que batem pés no ritmo dos tambores. A chula, a umbigada, o tambor, a roda feita. As vozes agudas das mulheres, as vozes graves dos homens. O bater dos pés no chão, na cadência dos tambores, com eles compondo um som. As palmas. O coro chorado, afinado, cortante. As mulheres e os homens em total sintonia.

- Ê boiadeiro

Ê menina de lá de casa

Não trouxe de nada de meu

Trouxe uma viola boa que o meu coração me deu

Ê boiadeiro...

Histórias da Cazumbinha, Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas, 2010

Após a leitura do texto, dialogue com os estudantes sobre as informações contidas no texto, realizando alguns questionamentos, como:

- Você já participou de alguma Festa de Reis? Como ela é realizada?
- Quando ocorre a Festa de Reis e qual a importância dessa festa para as comunidades quilombolas?
- O texto Festas de Reis aborda algumas danças que são praticadas durante esta manifestação cultural. Quais são essas danças? Você conhece algumas delas? De onde você conhece?

Professor (a), durante a realização da atividade procure estimular que os estudantes socializem suas memórias relacionadas ao festejo. Para aprofundar os conhecimentos sobre o tema, sugerimos a leitura do artigo: Santos, Sambas e Rodas: manifestações culturais de comunidades negras de Mangal – Barro Vermelho, Bahia, de Nivaldo Dutra. O artigo faz parte da obra Bahia: escravidão, pós-abolição e comunidades quilombolas – estudos interdisciplinares.

2. JOGO DE MEMÓRIA: PRÁTICAS CULTURAIS

A proposta desta atividade é oportunizar o conhecimento sobre práticas culturais herdadas da população africana através de gravuras que serão utilizadas para a confecção do jogo de memória. (O passo a passo para confecção do jogo e a sugestão de gravuras encontra-se no **Anexo: Para saber mais**).

Para a execução desta atividade organize os (as) estudantes em grupos e explique o jogo, seu objetivo e suas regras.

Regras:

- Será feito um sorteio para saber qual grupo irá iniciar jogando;

- A cada rodada um participante do grupo escolhe dois números, um de cada vez. Em seguida ler a legenda da imagem escolhida;

- Se acertar os pares, o grupo escolhe mais dois números. Se errar, passa para a vez;

- Vence o jogo o grupo que acertar maior número de pares sobre as práticas culturais.

JOGO DE MEMÓRIA: PRÁTICAS CULTURAIS



Ao finalizar a atividade converse um pouco sobre cada prática cultural retratada na gravura, a história e o significado delas para as comunidades quilombolas, assim como a importância dessas práticas no fortalecimento da identidade das comunidades quilombolas. Ao final da exposição solicite que cada estudante escolha uma dessas práticas para fazer uma pesquisa, abordando as seguintes questões:

- A história e a origem da prática cultural;
- Se continua sendo praticada nos dias atuais;
- Se essa manifestação é realizada na comunidade onde mora e como ela acontece.

Após a realização da pesquisa, os (as) estudantes deverão socializar com a turma as informações obtidas.

3. ESCRREVENDO CARTAS

A atividade com cartas é um ótimo recurso didático, pois além de promover a leitura e a escrita, possibilita um intercâmbio cultural, onde os estudantes poderão compartilhar as suas vivências sobre as festas e as práticas culturais existentes em suas comunidades. Antes da realização da atividade é importante que este gênero textual tenha sido trabalhado em sala de aula, de forma que os estudantes possam conhecer os vários tipos de carta, seu objetivo e a sua estrutura.

Professor (a), esta atividade deverá ser desenvolvida com a disciplina de Língua Portuguesa, que trabalhará com estudantes sobre as características, funcionalidade e intencionalidade da carta, como gênero textual.

Após o conhecimento sobre este gênero textual, solicite que cada estudante escreva uma carta para um colega da turma falando sobre os festejos que são realizados em sua comunidade. Procedimentos importantes para a realização da atividade:

- Faça o sorteio para determinar para qual colega cada aluno deverá enviar a carta;
- Oriente os estudantes a

conversar com as pessoas da comunidade para conhecer sobre este festejo;

- Faça com os estudantes um envelope para ser colocada a carta;
- Agende a data em que cada estudante possa trazer para a sala de aula sua correspondência;
- Providencie uma caixa para ser colocada as cartas.

No dia agendado, organize a sala em círculo, pergunte se algum aluno sentiu dificuldade de escrever a carta e qual foi a sensação de falar sobre os festejos de sua comunidade. Na sequência, o professor deverá distribuir as correspondências e solicitar que façam a leitura das cartas. Em seguida, inicie uma roda de conversa para que os estudantes possam compartilhar o que aprenderam com a realização desta atividade. Ao finalizar, ressalte a importância de conhecer sobre os festejos e as práticas culturais das comunidades em que vivem.

Professor (a), ainda que as manifestações culturais descritas nas cartas sejam as mesmas, a vivência e o olhar de cada educando é única, o que possibilita perceber visões diferenciadas sobre o mesmo tema.

4. MINHAS RAÍZES CULTURAIS

Para encerrar a abordagem do tema Festas e Práticas Culturais sugerimos a organização de uma atividade artística e cultural na escola, reunindo toda a comunidade escolar e os familiares. Para organização do evento, convide alguns grupos culturais das comunidades quilombolas para realizar uma apresentação na escola, como: o reisado, samba de roda, capoeira, entre outros.

Em seguida agende uma data para a realização do evento e converse com os alunos

(as) sobre a importância de conhecer, respeitar e preservar as raízes culturais das populações quilombolas. Durante a realização do evento, os alunos poderão fazer uma apresentação organizada anteriormente pelo professor.

Professor (a), a realização dessa atividade possibilita conhecer as raízes culturais da população negra, dando visibilidade a sua história e a sua cultura. É também um momento para resgatar a ancestralidade negra e fortalecer a identidade dos estudantes negros e quilombolas.

Posteriormente a realização do evento, realize uma roda de conversa com os (as) alunos (as) para que eles possam compartilhar suas impressões sobre o evento.

FIQUE POR DENTRO

no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. Originada no século XVII, em pleno período escravista, desenvolveu-se como forma de sociabilidade e solidariedade entre os africanos escravizados, estratégia para lidarem com o controle e a violência. Hoje, é um dos maiores símbolos da identidade brasileira e está presente em todo território nacional, além de praticada em mais de 160 países, em todos os continentes.

IPHAN. Roda de Capoeira. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>

A Roda de Capoeira - inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 - é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados

SE LIGA NAS DICAS (LIVROS)



LER E APRENDER: CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Sinopse: A coleção Black Power traz livros de atividades para a família. Mais do que apresentar o continente africano com suas singularidades, os livros valorizam as culturas africana e afro-brasileira tratando de assuntos como tolerância e respeito.

Coleção: Black Power

Editora: Mostarda

Ano: 2020



FORMAS E CORES DA ÁFRICA

Sinopse: O livro aborda a relação entre um neto e seu avô de origem africana. Por meio de objetos, como máscaras, vestimentas e histórias cheias de encanto e magia, o avô resgata o seu passado e proporciona ao neto uma verdadeira viagem, apresentando-lhe a beleza, a riqueza e a diversidade da história e cultura do continente africano.

Coleção: Neide Duarte; Mércia Maria Leitão

Editora: Ed. Brasil

Ano: 2020

SE LIGA NAS DICAS
(DOCUMENTÁRIO)


SAMBA DE HISTÓRIA - EP. 04

Sinopse: A coleção Black Power traz livros de O samba do quilombo de Massarandupió não é só o ritmo que impulsiona as festas dessa comunidade no interior da Bahia. O som da viola de Seu Ricardinho e de Seu Mário carrega a história da tradição africana que corre no sangue de seus moradores e promove a união entre eles.

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=1PeOSDROXMc>

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEB nº 08/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: CNE/CEB, 2012.
- BRAZ, Júlio. Griot – Histórias que ouvimos da África. 1. ed. rev. São Paulo: Projeto Pedagógico, 2012.
- CAZUMBÁ, Meire; BORDAS, Marie Ange. Histórias da Cazumbinha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010, p.68.
- DAMÁSIO, César; MOTA, Juliany Mendes. Preservando nossa memória. Projeto Juventude Quilombola. 1. ed. Irecê: Gráfica Carneiro, 2016.
- DUTRA, Nivaldo Osvaldo. Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo: 2007.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. 3. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1993.
- MOURA, Glória. Festas dos Quilombos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- MOURA, Gloria. Terra, cultura, história, geografia. Quilombo: conceito. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o Futuro. Educação Quilombola. Boletim 10, julho de 2007. Brasília: SEED-MEC, 2007, p. 9-14.
- SABERES E FAZERES, v.3. Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, p.95.
- SILVA, Jônatas Conceição. Vozes Quilombola: uma poética brasileira. Salvador: Edufba/ Ilê Ayê, 2004.
- SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação Quilombola: os saberes e fazeres da experiência sociocultural e currículo escolar. Revista Humanidade e Inovação, Palmas, v. 4, n. 4, 2017. p. 9-17. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/350>

ANEXOS: PARA SABER MAIS



ANEXO 1: COMO FAZER MINHA ÁRVORE GENEALÓGICA

PROPOSTA:

Criação da árvore genealógica com o tema: Minha família, minhas origens

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Tesoura;
- Cola;
- Caneta hidrográfica;
- Lápis e borracha
- Fotografias;
- Papel;
- Lápis de cor,

PASSO 01:

Para a realização da atividade, oriente os estudantes a conversarem com seus familiares para obter informações que irão ajudar na construção da árvore genealógica e solicite que pesquise em casa e traga para a escola fotos de todos os membros da família, até o grau mais distante que conseguir, para montarem sua árvore genealógica.

PASSO 02:

Apresente modelos de árvore genealógica e solicite que os alunos utilizem a criatividade e elabore a sua árvore genealógica.

PASSO 03:

Ao término desta atividade, organize uma roda de conversa para que os (as) estudantes apresentem, um por vez, sua árvore e a suas percepções sobre a realização da atividade.

ANEXO 2: BONECA ABAYOMI: COMO FAZER?

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Retalho de tecido preto;
- Retalho de tecidos coloridos;
- Tesoura sem ponta.

PASSO A PASSO:

PASSO 1: Pegue um pedaço do tecido preto e faça um nó na parte de cima.

PASSO 2: Agora, faça um corte com a tesoura do centro da base até a metade do tecido.

PASSO 3: Faça um nó na extremidade de cada lado. Elas serão as pernas da boneca.

PASSO 4: Pegue uma outra tira de tecido preto e faça um nó em cada ponta. Este pedaço se transformará nos braços da boneca.

PASSO 5: Junte a tira com o corpo dando um nó na cintura da boneca.

PASSO 6: Chegou a hora de preparar a roupa. Pegue um pedaço de tecido colorido, dobre no meio e faça um pequeno corte com a tesoura na parte de cima. Dessa forma, criamos a blusa.

PASSO 7: Agora, escolha um pedaço de tecido para fazer a saia, uma tira pequena para fazer o cinto e outra para o turbante.

PASSO 8: Prenda a saia na cintura da boneca com uma das tiras. Com a outra, faça um laço bem bonito na cabeça.

ANEXO 3: JOGO DE MEMÓRIA: COMO FAZER?

OBJETIVO:

Criação de um Jogo de Memória com o tema: Práticas Culturais Africanas

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Cartolina ou papelão
- Régua
- Tesoura
- Cola
- Imagens de manifestações culturais africanas.

PASSO 01: CRIE AS PEÇAS

Com a ajuda de uma régua, faça quadrados de 4x4 cm em cartolina ou papelão e, em seguida, recorte. Atenção: é preciso que sejam recortados quadradinhos em número par.

PASSO 02: COLE AS IMAGENS

Cole as imagens pré-selecionadas nos quadrados feitos com a cartolina ou papelão. Você pode imprimir as imagens ou fotografias relacionadas ao tema. Lembre-se que é importante ter duas cópias de cada imagem selecionada.

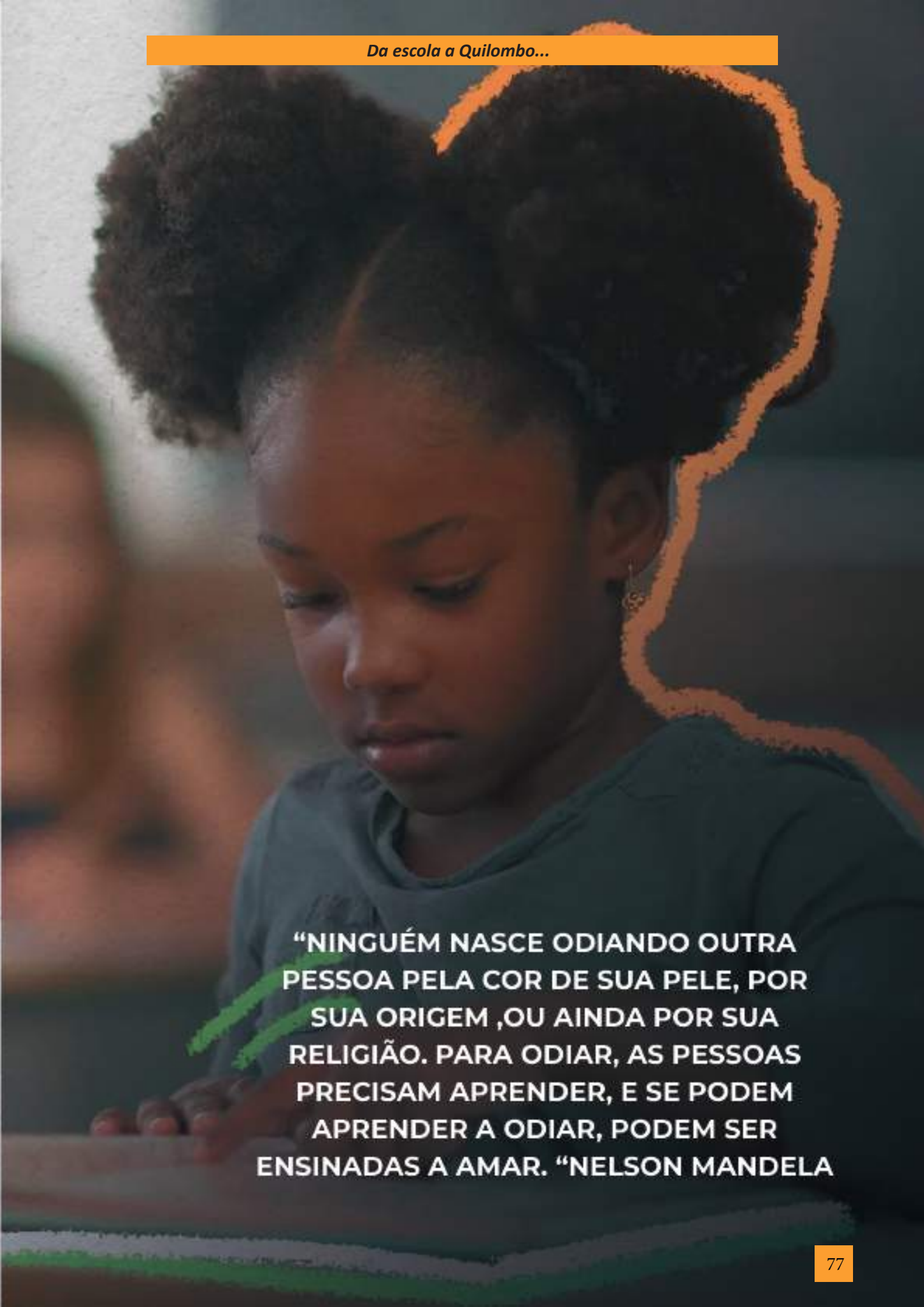
PASSO 03: IDENTIFICANDO AS CARTAS

Após a colagem das imagens, faça a impressão de vários números, recorte e cole no verso de cada carta confeccionada.

PASSO 03: PLASTIFIQUE AS CARTAS

Após a colagem é hora de plastificar as cartas. Para esse procedimento, você pode revestir as cartas com plástico específico e levá-los para a plastificadora ou usar papel adesivo.

Depois é só armazenar as cartas em uma caixa pequena, personalizar a caixa com o nome do jogo para ser utilizado. Agora que está tudo pronto para começar o jogo.



“NINGUÉM NASCE ODIANDO OUTRA PESSOA PELA COR DE SUA PELE, POR SUA ORIGEM, OU AINDA POR SUA RELIGIÃO. PARA ODIAR, AS PESSOAS PRECISAM APRENDER, E SE PODEM APRENDER A ODIAR, PODEM SER ENSINADAS A AMAR. “NELSON MANDELA

